



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA
E LITERATURA**

PATRÍCIA FERREIRA MENDES

**DIALOGANDO AFROFUTURISMO EM SALA DE AULA COM LU AIN-
ZAILA**

PORTO NACIONAL, TO

2022

Patrícia Ferreira Mendes

DIALOGANDO AFROFUTURISMO EM SALA DE AULA COM LU AIN-ZAILA

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Porto Nacional para obtenção do título de licenciado em Letras Português. Orientadora: Dr^a. Lyanna Costa Carvalho.

Porto Nacional, TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- P314d Ferreira Mendes, Patrícia.
 dialogando afrofuturismo em sala de aula com Luain-zaila. / Patrícia
 Ferreira Mendes. – Porto Nacional, TO, 2022.
 36 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Português, 2022.
Orientadora : Lyanna Costa Carvalho
1. Afrofuturismo. 2. Ancestralidade. 3. Material didático. 4. Sala de aula. I.
Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Patrícia Ferreira Mendes

DIALOGANDO AFROFUTURISMO EM SALA DE AULA COM LU AIN-ZAILA

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Porto Nacional, Curso de Letras Português foi avaliado para a obtenção do título de Graduação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 06 / 12 / 2022

Banca Examinadora

Prof. Dr.^a Lyanna Costa Carvalho, UFT

Prof. Dr.^a Rubra de Araújo Pereira

Prof. Me.^a Maria da Glória de Castro Azevedo

*Sem ser indelicada me concentro, me fecho e foco
Sem excluir sem esquecer
Visto a armadura e ainda assim amo leve
Me munindo de força e ação, munição é tiro certo no
alvo que quero conquistar
Sigo os caminhos sem pedir licença, mas sem passar por
cima sem pisar
E desviando de pés inocentes, porém mortais que
cercam
Com fé no que sei e no que não sei, no que sou e no que
serei, sigo hoje forte, mais do que ontem
Minha resistência é voz e se for preciso, eu aprendo a
ser feroz.*

Dandara Manoela

AGRADECIMENTOS

Aos meus ancestrais que lutaram para que esse momento se concretizasse. Agradeço às Yabás (Iansã, Nanã, Oxum e Yemanjá) que ao longo dessa pesquisa, mostravam-me nos pequenos detalhes.

À minha garbosa esposa Jaqueline Guerra, a qual nunca mediu esforços para me apoiar nessa trajetória acadêmica. Vivemos dias turbulentos, mas o nosso amor e respeito calçava nossos pés. Te admiro, obrigada por ser minha companheira nas causas antirracistas. Amo a sua existência!

À minha mãe Marlene Ferreira, por sua garra de todos os dias enfrentando o sistema, e por permanecer. Aos meus irmãos Jakellinny Carvalho, Ana Luiza Carvalho e Patrício Theodoro, por sonharem comigo.

Aos meus sogros Marli e José Guerra, meu cunhado Jacson Guerra e à Maria Guerra, por todo o encorajamento durante essa fase da minha vida, sou eternamente grata a vocês.

Às minhas gatas: Liz por seu companheirismo, Lua por seu amor místico que me acompanhou em dias difíceis e à Sky com sua doçura alegre meu coração.

À Minha prima e irmã Mariana Batista, agracio a nossa irmandade, mesmo à distância recebi o seu amor e incentivo. Te amo, mana!

Aos meus amigos Jucileia Maria e Paulo Jefferson, pela amizade sincera desde o primeiro momento, por todo incentivo e suporte, Joice pelo acolhimento, e Paulo Ricardo pela troca de axé.

Aos meus colegas de graduação Clara Santos, Rafael Lisboa, Matheus Henrique e Nayara Silva por todo encorajamento nos momentos difíceis desta jornada acadêmica, é para a vida.

À minha professora e orientadora Lyanna Carvalho, desde o início, acolhe minhas ideias e sonha comigo. Gratidão!

RESUMO

Neste trabalho buscamos discutir a presença dos conteúdos africanos e afro-brasileiros em sala de aula. Para isso, procuramos analisar a representação da figura do negro em livros didáticos do contexto escolar tocantinense, verificando a implementação da Lei 10.639/2003, e, a partir das lacunas percebidas, apresentar a proposta do trabalho em sala de aula dos contos “Era afrofuturista” e “Admissão”, do livro *Sankofia: breves histórias sobre o afrofuturismo* (LU AIN-ZAILA, 2018), da autora Lu Ain-Zaila. Nossa hipótese é que a perspectiva afrofuturista permite a valorização das culturas negras de matriz africana, a legitimação da estética negra e o reconhecimento da complexidade cultural silenciada pelos processos de colonização e escravização. Assim, a partir da verificação dos contrastes entre os conteúdos dos livros didáticos e a literatura afrofuturista, o trabalho busca encontrar caminhos para discussões e práticas transformadoras em sala de aula.

Palavras-chaves: Afrofuturismo. Ancestralidade. Material didático. Sala de aula.

ABSTRACT

In this paper we propose to discuss the presence of African and Afro-Brazilian contents in the classroom. In order to do so, we aim to analyze the representation of the black figure in schoolbooks of Tocantins school context in order to verify the implementation of Law 10.639/2003 and, observing the gaps in its application, present the proposal to work in the classroom of the two short stories “Era Afrofuturista” and “Admissão” from the book *Sankofia: breves histórias sobre afrofuturismo* (LU AIN-ZAILA, 2018) by the author Lu Ain-Zaila. Our hypothesis is that the Afrofuturist perspective allows the valorization of black cultures of African matrix, and the legitimation of black aesthetics, and the recognition of cultural complexity silenced by the processes of colonization and enslavement. From the verification of the contrasts between the contents of schoolbooks and Afrofuturist literature, the work attempts to find paths for discuss and transform classroom practices.

Keywords: Afrofuturism. Ancestry. Didactic Material. Classroom.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 – Pintura de Rugendas (1835) representando o porão de um navio negreiro.....	19
Figura 2 – Dança dos Maracatus representando o folclore brasileiro	22
Figura 3 – Pessoas escravizadas de diferentes nações da África, p.45.....	34
Figura 4 - Crianças negras retratando a miséria e a fome, p.32.	34
Figura 5 - Família negra em situação de rua, p.21.	35
Figura 6 - Mutirão para alimentar pessoas negras famintas, p.199.	35
Figura 7 - Personagens do filme “Pantera Negra”, p.125.....	35
Figura 8 - Pessoas pretas lutando capoeira, p.96.....	36
Figura 9 - Rapaz negro numa plantação de maconha em Pernambuco, p.385.	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	13
2.1 Objetivos Específicos.....	13
3 METODOLOGIA	14
4 A REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS	17
4.1 Características dos livros analisados na pesquisa.....	18
5 AFROFUTURISMO: A PROPOSTA DE SANKOFIA, DE LU ZAN-AILA.....	23
5.1 Era Afrofuturista	24
5.2 Admissão	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a literatura é importante para a construção de valores éticos, o respeito às diversidades e a ampliação do contato com distintas culturas. Dessa forma, ela se faz presente em diferentes universos, assim contemplando a todos os públicos. No âmbito escolar a literatura permite aos estudantes, diferentes interpretações de mundos entre a realidade e a ficção especulativa, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e a emancipação transformadora da leitura e escrita.

O contato com a literatura permite ao leitor expandir olhares para outras possibilidades de ser e estar no mundo. Neste trabalho pretendemos apresentar a literatura afrofuturista como resistência dos conhecimentos de raízes africana e afro-brasileira, sendo uma forma de expressão e construção de uma imagem histórica, ao passo que se conecta a futuros afrocentrados, com o intuito de expandir as várias possibilidades de vivência e expressão da identidade negra, expandindo olhares para além da escravidão.

Esse desenvolvimento literário nas salas de aula colabora com a revitalização dos conhecimentos, histórias afros e afro-brasileiras, descentralizando os papéis negativos e de subserviência comumente apresentados como únicas possibilidades nas produções educacionais brasileiras. O processo emancipatório apresentado aos estudantes potencializa a criação de um protagonismo próprio, fortalecido pela expressão cultural, de modo a empoderá-los, ainda adolescentes, e fortalecer o combate ao racismo presente no cotidiano.

Ao longo dos séculos os conhecimentos oriundos do continente africano foram conceituados através de uma ótica eurocêntrica, que demoniza outras fontes de saberes e impõe seu viés embranquecedor, que ainda permanece nos currículos educacionais. Conforme os autores citam:

A invalidação de práticas, modos de ser, idiomas e saberes dos povos sob dominação europeia configurou uma forma de refutar a legitimidade de cosmovisões africanas e de povos nativos, taxadas como bárbaras e primitivas, constituindo, desse modo, o que se tem denominado epistemicídio. (SANTOS, PINTO, CHIRINÉA, 2018, p. 958, 2018).

Esse processo de apagamento é experienciado em sala de aula, onde ainda encontramos muitas dificuldades para a abordagem dos conteúdos africanos e afrobrasileiros, prevista pela Lei 10.639/2003. Várias são as razões para essa dificuldade:

[...] nota-se que o desconhecimento teórico e epistemológico sobre a dinâmica das relações étnico-raciais, bem como acerca de conteúdos específicos sobre fatos, histórias, conceitos, descobertas e avanços tecnológicos dados a partir de uma matriz afro-brasileira constitui um quadro que impede que a implementação da lei avance para além de marcos e discussões pontuais. (SANTOS, PINTO, CHIRINÉA, 2018, p. 958, 2018).

Os estudantes negros devem desfrutar de representações positivas, que desmistifiquem as visões pejorativas das sociedades africanas, taxadas como inferiores, bárbaras e primitivas, como nos foi apresentado pelos povos dominantes. Os estudantes brancos, por estarem inseridos nessa mesma sociedade racista, têm a possibilidade de desconstruir os preconceitos desde cedo, se conectando à história de construção da sociedade brasileira e reconhecendo o protagonismo também da população negra. Como diz o professor antropólogo Kabengele Munanga (2005, p. 16):

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois, ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas (MUNANGA, p. 16, 2005).

Todos os estudantes podem, assim, compreender a pluralidade do povo brasileiro, nossas origens e a importância de uma equidade racial.

Bell Hooks¹, mulher negra e escritora, em seu livro *Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática* (2009), em um dos seus ensinamentos sobre o poder da imaginação, caracterizou o meu sentimento por esta pesquisa, falando do poder da imaginação para que os estudantes tenham uma educação libertadora. Para a autora, a imaginação: “é uma das formas mais poderosa de resistência que pessoas oprimidas e exploradas podem usar e usam. Em situações traumáticas, é a imaginação que pode garantir a sobrevivência” (HOOKS, 2009, p. 102). Ela ainda acrescenta: “Essa mudança, em geral, exige que se aprenda a pensar fora da caixa. A fim de pensar fora da caixa, é necessário mobilizar a imaginação de formas novas e diferentes” (HOOKS, 2009, p. 102).

O afrufuturismo é um movimento que promove a imaginação fora do cânone, para pensarmos vidas negras em magnitude, um mundo distante das opressões racistas, da supremacia branca. Propondo uma visualização de futuro em que personagens negros, além de protagonizar as realizações científicas de pessoas negras no passado e no presente, também é uma forma de construir novas noções de futuros e possibilidade que dialogam com a ancestralidade. As características do movimento Afrofuturismo favorecem aos estudantes a construção e o fortalecimento da emancipação da negritude.

¹ bell hooks (1952-2021) foi uma pensadora, professora, escritora e ativista negra norte-americana de grande importância, principalmente para o movimento antirracista, feminista e educação.

2 OBJETIVOS

Analisamos as representações de pessoas negras nos materiais didáticos de Língua Portuguesa de três escolas da rede pública e estadual de Palmas, Tocantins, observando os estereótipos que reforçam as negatividades vinculadas às pessoas negras. Buscamos fomentar a implementação da Lei 10.639 de 2003, que diz respeito aos conteúdos de História e Cultura Africana e Afro-brasileira no ensino de público e privado.

2.1 Objetivos Específicos

Propomos abordagem de literatura afrofuturista, como ação afirmativa na construção da identidade racial, contemplando os conhecimentos ancestrais africanos, por meio de contos, promovendo o protagonismo negro, e para uma educação antirracista, possibilitando um olhar reflexivo sobre a representatividade étnico-racial e permitindo que os jovens negros vivenciem um ambiente igualitário, rompendo com referências eurocêntricas.

3 METODOLOGIA

O presente estudo baseou-se na abordagem qualitativa de pesquisa, com o intuito de descrever a representação de conteúdos afro-brasileiros nas escolas e indicar formas da inserção da literatura afrofuturista no contexto da sala de aula, com o propósito de retratar e compreender as formas de abordagem do tema em algumas escolas de Palmas.

O termo “Afrofuturismo” foi cunhado oficialmente pelo americano branco Mark Dery no início dos anos 1990, em uma entrevista com os artistas e intelectuais Samuel R. Delaney Greg Talley e Tricia Ross, para o artigo “The Future of Black”. Nele, analisou-se a presença da representatividade negra no gênero de ficção científica, constando-se que, por conta do apagamento sistemático do passado pré-colonial africano fez com que as pessoas negras não conseguissem enxergar no futuro.

Decidimos aplicar o procedimento de pesquisa por meio de investigação, optamos por pesquisa de campo nos livros didáticos de Língua Portuguesa, observando como está sendo construída a imagem da comunidade africana e afro-brasileira nos suportes dos profissionais da educação.

Para tanto, buscamos analisar conteúdos de livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental, 8º e 9º anos, juntamente com os do 1º ano do ensino médio, visto que consideramos as faixas etárias dos estudantes apropriadas para iniciar o estudo mais aprofundado sobre as raízes africana e afro-brasileira, dada a diáspora e situação violenta da escravidão, além de ser a idade do início da adolescência, quando o autoconhecimento e o pertencimento são procuras latentes por parte dos estudantes.

Baseamo-nos, também, nas habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da área de Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio: Competências Específicas e Habilidades, juntamente com o Documento Curricular do Território do Tocantins (DCT) e as competências e habilidades do Referencial Curricular de Linguagens e suas Tecnologias, etapa do ensino médio, que integram os conhecimentos presentes na pesquisa:

(EM13LP50) Selecionar obras do repertório artístico-literário contemporâneo à disposição segundo suas predileções, de modo a constituir um acervo pessoal e dele se apropriar para se inserir e intervir com autonomia e criticidade no meio cultural. (BRASIL, 2018, p. 515)

(EM13LP51) Analisar obras significativas da literatura brasileira e da literatura de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos), considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como elas dialogam com o presente. (BRASIL, 2018, p. 516)

(EM13LGG103) Analisar, de maneira cada vez mais aprofundada, o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses. (BRASIL, 2018, p. 483)

(EM13LGG202) Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais), para compreender o modo como circulam, constituem-se e (re)produzem significação e ideologias. (BRASIL, 2018, p. 484)

(EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente. (TOCANTINS, p. 30)

(EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na leitura/escuta, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor/audiência previstos, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.), de forma a ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de análise crítica e produzir textos adequados a diferentes situações. (TOCANTINS, p. 31)

Para pensar o afrofuturismo como proposta em sala de aula, analisamos o livro *Sankofia*: breves histórias sobre o afrofuturismo, da autora Luciene Ernesto, Lu-Ain Zaila (2018). Escolhemos dois contos que melhor se adequam à faixa etária do ensino médio. O primeiro conto escolhido é “Era Afrofuturista”, que narra os acontecimentos históricos da população negra, evidenciando as civilizações africanas, as etnias do continente, os levantes e as resistências do povo negro. O segundo conto, “Admissão”, aborda a trajetória de uma jovem que sonha entrar na Frota Estrelar dos Países Africanos, mas, para isso, terá que provar a responsabilidade de contar suas histórias e a de seu país, através de pinturas corporais.

A pesquisa está estruturada da seguinte maneira: o Capítulo 1 aborda a representação das pessoas negras nos livros didáticos. Nele, discutiremos a importância dos livros didáticos para o auxílio do profissional da educação, e a necessidade de que contemplem a pluralidade das diversidades étnico-raciais dos estudantes. No seguinte tópico, discutiremos as características dos livros analisados da pesquisa, trataremos das análises e representações encontradas durante a pesquisa de campo feitas em quatro livros didáticos de Língua Portuguesa, encontrados em bibliotecas de escolas estaduais e municipais da cidade de Palmas, Tocantins.

A maioria das imagens encontradas colocam a população negra em lugares de negatividade, no entanto, foram encontradas representações que enaltecem a cultura afro e afro-brasileira. No Capítulo 2 falaremos sobre o movimento Afrofuturista, apresentaremos suas

características e desafios. Indicaremos, no mesmo capítulo, uma proposta de ensino através de dois contos que contemplam a legitimação da negritude, com o livro *Sankofia: breves histórias sobre o afrofuturismo* (LU AIN-ZAILA, 2018).

Ao longo do trabalho usaremos o termo negro, de acordo com a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que determina que negros são os indivíduos que correspondem ao grupo formado por pessoas pardas e pretas.

4 A REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS NEGRAS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Mesmo com aproximadamente vinte anos da implementação da Lei 10.639/2003 (exigida e conquistada pelo movimento negro), ainda há defasagem na aplicação dos conhecimentos oriundos do continente africano, quase imperceptível nos componentes curriculares. Isso ocorre por inúmeras deficiências na educação brasileira, que foi racionalizada pela ótica eurocêntrica.

Com isso pouco se contemplam as realidades de alunos afrodescendentes, em busca da equidade racial, através do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. A desvalorização do conhecimento de povos africanos antigos reverbera no apagamento dos feitos, invenções, conquistas e descobertas de cientistas negros e negras na história mais recente (SOUZA, p. 48, 2019). Os livros didáticos são um intermediário do conhecimento, auxiliam os profissionais na educação com a mediação dos conteúdos, e apresentam percepções de mundos para os estudantes. Seu papel é incontestável dentro da sala de aula, entretanto, há discrepância nas figuras sociais e culturais de pessoas negras nos livros didáticos.

Antes de nos aprofundarmos nas análises, é interessante perpassarmos a trajetória desses livros didáticos até as salas de aula. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) constitui-se na distribuição e avaliação de materiais didáticos, pedagógicos, literários e de apoio à prática educativa, com distribuição gratuita às escolas de ensino fundamental, médio e também na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) das redes federal, estadual e municipal. O programa tem grande papel na construção do imaginário do ensino e nas escolhas de ilustrações/representações que circularão no ambiente escolar.

De acordo com Munanga (2005, p. 15), “[...] os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental”, reproduzindo representações de pessoas negras em lugares de subalternidade e inferioridade. Constrói-se uma imagem estruturalmente racista de rebaixamento de pessoas negras, colocando-as em lugares de subserviência.

Conteúdos são implementados deslocados da subjetividade étnica de personagens negros, de forma superficial, apenas para cumprir a Lei. No entanto, precisamos de práticas pedagógicas de combate ao racismo, para que assim se tenha um procedimento fundamentado e estruturado sobre o ensino escolar e o auxílio para a construção crítica dos estudantes. Nessa perspectiva, o livro didático:

[...] deve sustentar práticas pluralistas e que englobem a diversidade étnico-racial por meio de conteúdos sem preconceitos, pois, sendo ele o principal instrumento de apoio ao trabalho do professor em sala de aula, existe a necessidade de seleção e revisão dos conteúdos históricos incorporados. (JÚNIOR, DE ALVES, GEVEHR, 2017, p. 42).

O apagamento dos negros e dos conteúdos a eles relacionados está na base social das dificuldades das populações negras de manter-se nos lugares de ensino, exploradas, vetor responsável por promover o epistemicídio² e o embranqueamento das mentes e dos comportamentos (SANTOS, PINTO, CHIRINÉA, p. 955, 2018). O continente africano é um dos lugares mais antigos da história. O antigo Egito (Kemet), por exemplo, difundiu conhecimentos importantes à sobrevivência das sociedades atuais, sendo omitida sua contribuição para as demais sociedades. Além disso, temos o racismo, que impediu o reconhecimento de cientistas negros que contribuíram para os avanços tecnológicos atuais.

Com a discussão acima, sentimos a necessidade de analisar o contexto de ensino para melhor entendermos os estereótipos que permeiam os livros didáticos, a fim de compreendermos os problemas e questões em torno das representações que eles trazem.

4.1 Características dos livros analisados na pesquisa

Os livros didáticos foram selecionados de acordo com sua disponibilidade nas bibliotecas escolares. Selecionamos os seguintes materiais: *Português Maia* - Novo ensino médio, 2000 a 2004, do autor João Domingues Maia, da Editora Ática, 11ª Edição, 2006. É um livro antigo, da biblioteca do Instituto Federal do Tocantins (IFTO Palmas – TO). Temos também o *Ensino Médio, linguagens e suas tecnologias - Identidades*, da Editora FTD, 1ª edição, São Paulo 2020, dos autores Maria Tereza Rangel Arruda Campos, Lucas Sanches Oda, Inaê Coutinho de Carvalho e Rodolfo Gazzetta. Está sendo usado atualmente na Escola Estadual Frederico José Pedreira Neto. Por último, analisamos os livros *Ensino Fundamental - Tecendo Linguagens - Língua Portuguesa*, para o 8º e 9º ano, da Editora IBEP, e dos autores Tânia Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo, que está sendo utilizado atualmente na Escola Municipal Anne Frank.

² Conforme Sueli Carneiro (2005, p. 97) epistemicídio é responsável “pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo.”

Uma das imagens que chamaram inicialmente a atenção foi a do livro *Português Maia*, de 2000 a 2005, que traz a representação de negros no fundo do porão de um navio negreiro, com vários escravizados aglomerados, transportados entre África e América. É uma obra do pintor alemão Johann Rugendas, produzida durante as viagens do pintor ao Brasil, com intuito de retratar os povos originários do Brasil no século XIX.

A litografia retrata homens, mulheres, velhos e crianças despidos de suas vestes, algemados uns aos outros, a luz do sol penetra uma fresta do porão, há uma rede posta, para que possa se deitar. Outro negro estende as mãos em busca de um pote de água, como em um gesto de socorro. A obra contribuiu para a abolição da escravatura, por escarnar as condições desumanas e insalubres dos africanos, sendo utilizada como propaganda abolicionista da época.

Ainda assim, a litografia retrata a perspectiva do lugar do colonizador, tangendo a pele negra, a opressão do branco. Mesmo não escondendo os horrores e a desumanização dos corpos negros, as viagens foram mais nocivas do que o autor transmitiu, como representado na Figura 1. “É uma realidade contada com uma liberdade artística, porque é lógico que Rugendas não vê um navio negreiro, mas ver navios.” (MARTI; LUZ, 2019).

De acordo com os autores Albuquerque e Filho (2016), as condições internas nos navios negreiros eram insalubres, os comerciantes de escravizados tinham interesse em amontoar o maior número possível de africanos, tornando a viagem insuportável, podendo um navio ocupar cerca de até quinhentos escravizados. O objetivo era unicamente garantir o máximo de lucratividade das suas “mercadorias”.

Figura 1 – Pintura de Rugendas (1835) representando o porão de um navio negreiro.



Fonte: MAIA. (2020)

Esse método aniquilou milhares de africanos que não suportavam a angustiante travessia nos cativos insalubres. Outros fatores de extermínio dos negros durante o tráfico negreiro, de acordo com Albuquerque e Filho (2016), são escassez de alimentos e água, maus tratos, superlotação e exposição a doenças para eles desconhecidas, para as quais não havia defesa imunológica suficiente. Havia mortes provocadas por suicídio, de pessoas precipitando-se ao mar por não suportar o terror da experiência vivida, que desequilibrava física e mentalmente aos africanos.

No mesmo livro didático, na página 385, encontramos a fotografia de um rapaz negro em uma plantação de maconha em Pernambuco, retratado como se estivesse traficando. Logo acima, na mesma página, temos um desenho de um jogador de futebol negro. São dois estereótipos comuns associados aos homens negros, colocados em lugares de marginalidade e em sua inserção na sociedade através da cultura do futebol (assim como do samba, do carnaval, entre outras).

Outra imagem que nos chamou atenção é a da família negra no anúncio de uma organização de combate à pobreza, localizada no livro *Tecendo Linguagens - 9º ano* (2018, p.199). No mesmo livro (2018, p. 235), encontramos a imagem de um mutirão de pessoas negras famintas, que se preparam para se alimentar, reforçando o lugar de miséria. O texto que acompanha a imagem busca apresentar o impacto da tecnologia nas crianças nascidas em 2018, com o título “viver num mundo sem pobreza”, do autor Tomás Santiago. O intuito do seu texto é que o futuro seja sem pobreza, que as tecnologias impactem beneficentemente na vida dos que necessitam. As imagens analisadas são estabelecidas, cimentadas, e reforçam lugares de subalternidade da população negra.

Destaca-se, nesse sentido, a imagem da capa da revista *Veja* (2002), retirada do livro *Novo ensino médio - 2000 a 2004* (2006, p. 32). Ela mostra duas crianças negras desnutridas, dormindo em palhas, sem cobertor, com o título “MISÉRIA: o grande desafio do Brasil”, e mais algumas estatísticas de pobreza extrema no país. O intuito da imagem é provocar elementos dominantes na comunicação, como emoção, a partir da situação precária das crianças, e informar ao leitor as estatísticas da pobreza no país. No livro didático, não há nenhum comentário e nenhuma problematização sobre a capa da revista, usada apenas como exemplo de estudo do gênero notícia.

As representações mais recorrentes encontradas nas análises dos livros didáticos são as que vinculam pessoas negras à miséria, fome e subalternidade. No entanto também encontramos representações positivas, com relação aos períodos anteriores, podendo ser reflexo da aplicação da Lei, e que contribuem para a construção de uma sociedade mais igualitária.

O livro *Tecendo Linguagens* - 8º ano (2018, p. 104) traz o mito dos Odus “O príncipe infeliz e as abóboras desprezadas”. O mito conta a história dos quinze príncipes Odus, irmãos de Obará, que foram se alimentar na casa do “príncipe infeliz”, como os irmãos o chamavam.

No entanto, ele não recebia ninguém, ninguém o visitava, todos evitavam sua presença. Pegando dinheiro emprestado naquele dia, Obará fez um banquete para alimentar seus irmãos.

Os Odus levaram de presente abóboras desprezadas, pois nenhum deles gostava de abóbora, e as deixaram na casa de Obará. No dia seguinte todos os mercadores do lugar se recusaram a vender fiado a Obará antes que ele pagasse o que devia. Obará e sua esposa estavam decididos a comer as abóboras deixadas na sua casa. Foi até o quintal e com a faca partiu uma, e ficou surpreso ao ver que, no lugar das sementes, traziam pedras preciosas. Foi assim que Obará se transformou em um príncipe rico.

O autor do mito é o paulista Reginaldo Prandi, o mito foi retirado do livro *Os príncipes do destino: histórias da mitologia afro-brasileira*, de 2001. Neste conteúdo o aspecto da mitologia africana foi irradiado, explorando-se as riquezas culturais com os estudantes. Os Odus são componentes do ifá, o oráculo divino, que conecta o homem com as sabedorias das divindades e são utilizados nas religiões de matriz africana. “O Ifá é oriundo da Nigéria, é uma cultura pré-colonial que representa um sistema ético africano” (MACHADO, 2019, p. 5).

Os autores trazem a descendência dos Odus, oriundos da língua Iorubá, mencionam dezesseis príncipes Odus, juntamente com algumas posições de colecionadores de histórias, que contribuíam para a harmonia do seu povo. Nas páginas seguintes, há atividades de interpretação como o tempo e o espaço da narrativa, são questionadas as atitudes dos personagens, assim como há uma atividade de extração do texto sobre elementos da cultura africana. De acordo com os estudos de MACHADO (2019, p. 7), a metodologia afrorreferenciada sobre os Odus diz que:

Enquanto metodologia, a proposta é que os/as educandos/as possam também construir suas próprias metodologias, a construção e a produção é coletiva, é oriunda da experiência vivência de cada um/a, onde todos nossos saberes são valorizados. Portanto, a metodologia dos Odus, inspirada no Ifá, é construída sempre numa perspectiva coletiva e de valorização dos saberes antigos e dos saberes do agora.

Duas autoras negras emblemáticas na literatura brasileira, duas são apresentadas no livro *Identidades* (2020, p. 113, 115). A primeira é a escritora Conceição Evaristo e seu conto “Olhos d’água”. O livro conduz um debate sobre identidade e autodeclaração dos estudantes. No conto da autora, é possível contemplar expressões da população negra, dialogando com as entidades africanas, suas conquistas e dores.

Apresenta-se também o livro *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, que dialoga com as escritivências³ da Evaristo, um projeto literário que olha para as mulheres negras e pobres, que protagonizaram a fome e a miséria da sociedade brasileira, a partir das próprias experiências das autoras. Escritoras, intérpretes das suas convicções, encontraram na escrita um refúgio das adversidades da luta dos negros no país racista, machista e patriarcal. E trazem a evocação da memória de seus ancestrais africanos como resistência.

A partir das nossas análises, entendemos que as representações hegemônicas nos livros didáticos não contemplam a pluralidade cultural da sociedade brasileira. A maioria das imagens de pessoas negras encontradas no livro *Português Maia* são de marginalidade ou de subserviência, são poucas as exceções encontradas. O livro *Identidade* é o que mais trouxe discussões abrangentes sobre a cultura afro e afro-brasileira, sendo o mais atual, como representado na Figura 2, da cultura do Maracatu, um ritual de sincretismo religioso. No entanto, ainda se faz presente a necessidade de representações de potencialidades do povo africano e afro-brasileiro.

Figura 2 – Dança dos Maracatus representando o folclore brasileiro.



Fonte: Campos *et al.* (2020).

³ Conceição Evaristo, sua criadora, diz que o termo surgiu da junção entre “escrever” e “viver”, ou seja, uma forma de “escrever vivências” do povo negro.

5 AFROFUTURISMO: A PROPOSTA DE SANKOFIA, DE LU ZAN-AILA

O Afrofuturismo é um movimento cultural e político, se manifesta na literatura, no cinema, na arte, na música, na cultura em geral, a partir da perspectiva afrocentrada. Utiliza-se de elementos da ficção científica/especulativa e da fantasia para criar narrativas de protagonismo negro, por meio da celebração de sua identidade afro, ancestralidade e histórias de potencialidades. As obras pertencentes a este movimento retratam perspectivas de futuros caracterizados pelos avanços tecnológicos, dialogando com a superação das condições determinadas pela opressão racial, dentro do contexto da vivência africana e diaspórica.

É importante ressaltar que, antes do surgimento do termo americano branco Mark Dery, o jazzista estadunidense Sun Ra foi considerado o pioneiro do movimento nos anos. Em sua música, utilizava elementos a partir de uma perspectiva afrofuturista, como ficção científica e referências egípcias, em suas obras. Além dele, temos artistas como os autores Octavia Butler e Ralph Ellison.

O afrofuturismo apresenta experiências da diáspora Africana, como emancipação da negritude, luta contra a discriminação racial, valorização das religiões de matriz africana, entre outros, para a visualização de um futuro em que personagens negros são o foco principal, um mundo distante da supremacia branca. Além de protagonizar as realizações científicas de pessoas negras no passado e no presente, também é uma forma de construir novas noções de futuros e possibilidades. (SOUZA, p. 49, 2019).

De acordo com Souza (2019), o movimento tem a difícil tarefa de projetar imagens futuras para um povo que teve o passado sistematicamente apagado, e, por consequências da manutenção de um sistema racista, não encontra referências que nos diz respeito a sua cultura, tradição e ancestralidade.

Sendo assim, resgatar através de narrativas ficcionais o que foi roubado e obliterado da história dos povos negros é uma forma de conduzir uma cultura própria. E nos campos da mitologia e da ciência, esse resgate acaba sendo um “ato afrofuturista”, pois como lembra Womack (2013), “a teoria crítica também é um aspecto desse movimento” (SOUZA, p. 47, 2019).

Os ideogramas adinkra, do grupo étnico Acãs, da África Ocidental, nos apresentam o símbolo sankofa, que é identificado por um pássaro que olha para trás ao voar para frente, à procura de referências. Voltar para as origens não é sobre ficar no passado, mas sobre saber de onde viemos para apoiar quem somos no presente e criar perspectivas de futuro. O afrofuturismo aplicado à educação pensa, sim, no futuro, mas olha para o passado, rejuvenescendo-se em saberes ancestrais, ao mesmo tempo em que avança no diálogo com a ciência e a tecnologia, como ferramentas de luta para abrir espaço para futuros possíveis.

Desta forma, neste trabalho pretendemos apresentar contos afrofuturistas da obra *Sankofia: breves histórias sobre afrofuturismo* (2018), da escritora Lu Ain-Zaila, pioneira do movimento no Brasil, dialogando com o passado ancestral africano e com o protagonismo de vivências diversas possíveis de pessoas negras.

5.1 Era Afrofuturista

O primeiro conto escolhido para a pesquisa é “Era afrofuturista”, narrado em primeira pessoa, pelo personagem principal, em um mergulho na sua própria história. Situa-se no espaço de um centro cultural do afrofuturismo, museu histórico e cultural que evidencia a trajetória da comunidade negra pelo mundo. O conto narra o passeio do personagem principal juntamente com seu pai pesquisador. O tempo do conto é cronológico, passa-se pelos dias que ocorrem a partir da primeira era afrofuturista, em uma dimensão evolutiva das causas raciais. O passeio se divide em quatro andares do prédio, cada ambiente consiste em um momento da história negra. Durante o percurso, o pai descreve as distorções no tempo, o despertar para os acontecimentos históricos, o resgate de uma história que tem a ver com alegria e tristeza, orgulho e revolta.

Iniciaram a jornada pelo último andar, que tinha como título “aqui não há máquinas do tempo”. Neste momento do conto, podemos caracterizar/trabalhar o conceito de raça a partir dos falsos critérios científicos brancos, que dividiam as raças entre inferiores e superiores e que, sendo assim, perpetuavam, deturpavam e escondiam as diversas histórias oriundas do continente africano, suas civilizações, seus conhecimentos como: medicina, filosofia, matemática, física, astrologia, entres outros conhecimentos.

Assim, essa leitura permite explorar com os estudantes conhecimentos fomentados pelo povo negro e que estão presentes na atualidade. É importante para estender a discussão na sala de aula do entendimento de raça como uma construção social forjada nas relações de tensão entre brancos e negros, esclarecendo que o termo raça é utilizado nas relações sociais brasileiras para legitimação de poder, através da distinção de características físicas e de formas de conhecimentos e saberes. O conto traz o olhar reflexivo para as relações sociais imposta pelo tom de pele, buscando reconhecimento de concepções indispensáveis para a humanidade, oriundas do Continente Africano.

Há também no conto a descrição da exposição foto-auditiva intitulada “Impérios da África”, descrita como duplos-painéis que representavam impérios, dinastias ou civilizações e dezenas de descobertas arqueológicas:

Impérios na África, esse era o nome da exposição foto-auditiva que entramos em seguida. Imediatamente me deparei com grandes duplos-painéis, onde cada face apresentava um império, dinastia ou civilizações através de muitas fotos e novas descobertas arqueológicas. E foi aí que me dei conta da quantidade de organizações complexas, eram dezenas: Gana, Axum, Congo, Songhai, Yourubá, Nok, Zimbábue, Peul, Kerma (Kush), Meroé, Napata, Monomotapa, Benin, Kitara, Mossi, Daomé, Ashanti, Ruanda, Loango, Ndongo, Burundi, dinastia Egípcias, entre tantas outras em tantas épocas que foi impossível ver tudo; não conseguimos (LU AIN-IZAILA, p. 19, 2018).

Aqui podemos apresentar as multiculturas do continente, que por séculos foram esquecidas. É relevante o destaque das civilizações africanas pré-coloniais, abrindo espaços para atividades lúdicas e interdisciplinares sobre as organizações políticas, culturais e sociais dessas histórias ancestrais.

O segundo andar da exposição é “Aliens, vocês deviam ter previsto nossa resistência...”. É uma exibição voltada para os acontecimentos dos Séculos XX e XXI, para as revoluções do povo negro. Há vários painéis de fotos dedicados a cientistas e inventores negros de todo os lugares e épocas, idealizadores de ferramentas do cotidiano e inventos extraordinário, como a afrocanadense Elijah McCoy, na época das máquinas a vapor, Granville T. Woods, com o filamento de lâmpadas elétricas e outros dispositivos eletrônicos, Shirley Jackson, que revolucionou a telecomunicação da discagem à fibra óptica. Há outros cientistas negros citados no livro pela autora. Neste ponto, impulsionaremos a ciência e a tecnologia africana e afrodiaspórica, que atualmente lutam por reconhecimento de suas contribuições para a humanidade, já que foram excluídas dos livros didáticos.

A última sessão do *tour* no museu tem o título de “O Futuro é o Lugar e Estamos Nele, Presente e Passado Também”. Assim é descrito o painel de produções destacadas do Século XX, com manifestações da literatura negra:

Esse é o painel de produções destacadas daquele período... aqui, manifestações da literatura negra: os *Cadernos Negros* com sua antologia atual, jornais do Movimento Negro Unificado (MNU), entre outras articulações como Versus marcaram a época e a própria literatura negra de essência marginal e periférica que estava fora dos interesses do mercado literário por ser feita por pessoas diferentes deles e, trazer vozes e temas fora da realidade (escrita pelos olhos de quem vive à margem da sociedade e dos espaços de poder). (LU AIN-ZAILA, p. 30, 2018).

O conto “Era afrofuturista” trabalhado em sala de aula é uma forma de identificar os processos históricos da população negra, reconhecendo suas conquistas, e, assim, contemplando as resistências, para favorecer a valorização de seus descendentes na contemporaneidade.

5.2 Admissão

O segundo conto escolhido, “Admissão”, é narrado em terceira pessoa. A ação do conto é a preparação da personagem principal, sua ansiedade no dia anterior, para a admissão na Frota Estrelar. O conto se passa em meados de 2069, momento de revoluções dentro do país, na estação de embarque e desembarque para conexões de voo espacial vindas da terra. No tempo cronológico, estamos no futuro. O espaço é a Aliança Democrática do Congo (ADC), sendo um conto do gênero ficção científica. A personagem principal da narrativa é Kiwili, piloto da Frota Estrelar dos Países Africanos. Os demais são os familiares da personagem principal, a comandante da tripulação e os colegas de tripulação.

A autora inicia o conto imergindo os leitores nas riquezas do continente africano numa perspectiva de futuro, desmistificando os estereótipos que relacionam o continente africano a lugares sem desenvolvimento, sem estrutura tecnológica. Ela nos apresenta a República Democrática do Congo em 2069 como potência de autonomia em viagens ao espaço, em um momento de revoluções dentro do país, com a estação de embarque e desembarque para conexões de voos espaciais vindos da Terra.

O conto narra a trajetória de preparação da jovem Kiwilli para a admissão na Frota Estrelar dos Países Africanos. O teste ocorreria nos dias seguintes, e ela deveria estar impecável para o momento. “O que significaria usar o uniforme oficial e estar com a sua pintura corporal perfeita, pois contará o nome de sua nação, família, antepassados e ritos que a levaram à vida adulta” (LU AIN-ZAILA, 2018, p. 101).

A pintura corporal é uma manifestação cultural, presente no continente africano e no Brasil pelas populações originárias. O conto enaltece as tradições culturais, por meio de pinturas corporais que retratam toda uma estrutura social e estilo de vida dos africanos, deixadas pelos escravizados africanos em diáspora. É manifestada atualmente no Brasil através do Candomblé e Umbanda, religiões de terreiro, em que se preservam heranças africanas. As pinturas perpassam rituais do Candomblé, cada uma desempenhando funções específicas, no entanto todas têm o mesmo objetivo de conexão do indivíduo com a divindade.

De acordo com Fernandes (2017), a pintura e os demais ornatos, além de serem as marcas de identificação étnica, constituem um tipo de linguagem que informa sobre sexo, idade, posição social, papel cerimonial, relações entre grupos, entre os indivíduos e o sobrenatural. Elas são assim descritas no conto:

O dia da admissão é chegado, os pais de Kiwilli a aguarda para fazer as pinturas corporais que incorporam a história da família. O uniforme da frota é sem manga, justamente para que fique evidente as pinturas de cada piloto da frota. “Pois nos braços ficam as marcas de tatuagens e pinturas corporais, assim como na face. A face e os braços são obra de arte a serem apreciadas pelo próximo, não devendo ser cobertas. (LU AIN-ZAILA, 2018, p. 102).

Além disso, apresenta-se no conto a comunhão familiar se manifestando como axé. A palavra “axé” tem originalidade da etnia iorubá, com significado de força e poder. É uma autodeclaração por pessoas que acreditam nos deuses africanos e expansão do conhecimento das culturas que construíram o país.

A primeira fase do rito acontece no dia seguinte, durante uma reunião familiar que tem o intuito de desejar coletivamente axé e sorte a quem está para iniciar uma nova jornada em sua vida. Kwili está de jejum e resguardando em seu quarto, e fica assim até o pôr do sol, quando sai para comemorar a afirmação de seu desejo no presente. (LU AIN-ZAILA, 2018, p. 102).

É utilizado frequentemente em casas de Candomblé e por adeptos da cosmovisão iorubá. Utilizando-o, apresentam-se ao mundo como pessoas que acreditam nos poderes naturais e nos ensinamentos ancestrais, voltados ao culto dos antepassados, à energia que emana da natureza e à conexão do indivíduo com as divindades africanas. De acordo com o escritor Reginaldo Prandi (1997), axé significa:

Axé é força vital, energia, princípio da vida, força sagrada dos orixás. Axé é o nome que se dá às partes dos animais que contêm essas forças da natureza viva, que também estão nas folhas, sementes e nos frutos sagrados. Axé é bênção, cumprimento, votos de boa-sorte e sinônimo de Amém. Axé é poder.

Axé é o conjunto material de objetos que representam os deuses quando estes são assentados, fixados nos seus altares particulares para ser cultuados. São as pedras e os ferros dos orixás, suas representações materiais, símbolos de uma sacralidade tangível e imediata. Axé é carisma, é sabedoria nas coisas-do-santo, é senioridade[...] (PRANDI, 1997, p.1).

Debater sobre os componentes das culturas de matriz africana possibilita o combate ao preconceito que acompanha esse termo por falta de conhecimento e por intolerância ao desconhecido, trazendo a importância da representatividade para todos, principalmente os afrodescendentes.

Durante o banquete da família, a autora nomeia algumas comidas regionais do continente africano como: fufu⁴, maboké⁵ e lungila⁶ para brindar. Uma das heranças da inserção

⁴ Fufu é um tipo de pão, feito com batata-doce ou inhame. (LU AIN-ZAILA, 2018)

⁵ Maboké (Peixe Gato) cozido com vegetais verdes e temperado com pimenta. (LU AIN-ZAILA, 2018)

⁶ Lungila ou vinho de cana de açúcar, bebida alcoólica local do Congolense. (LU AIN ZAILA, 2018)

dos negros na sociedade brasileira é a gastronomia. Com isso, os estudantes poderiam ter acesso ao modo africano de cozinhar os alimentos e à inserção de suas práticas no cotidiano, mostrando o entrelaçamento dessas culinárias, além de proporcionar abertura para a realização de atividades lúdicas.

Os dois contos propostos narram as potencialidades de pessoas africanas e afrodiáspóricas, enaltecendo as riquezas do continente africano, proposta pedagógica que nos alerta para o perigo da história única, como descreve a escritora Chimamanda Ngozi Adichie⁷, e contrapondo as representações analisadas anteriores de subalternidade e pobreza, encontradas nos livros didáticos. Propomos conteúdos que representem a mitologia africana, introduzindo movimentos de preservação da cultura afro e afro-brasileira e de valorização dos conhecimentos de matriz africana, com o intuito de desmistificar estereótipos e romper com o racismo religioso. Imergimos nos processos históricos de resistência negra, propondo ampliação nos currículos escolares, para o reconhecimento da diversidade étnico-racial que constrói a sociedade brasileira.

⁷ Chimamanda Ngozi Adichie nasceu na Nigéria e atualmente é uma das maiores vozes da literatura africana, suas obras já foram traduzidas para mais de trinta idiomas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de construção desta pesquisa se deu de forma turbulenta, em virtude do meu processo de autoconhecimento como mulher negra e de formação como profissional da educação. A escolha deste trabalho percorre por meu anseio de representatividade e valorização da comunidade afro e afro-brasileira, visto que, como estudante do ensino básico, não pude idealizar as potencialidades que contemplam a minha negritude em espaços educacionais. Como professora de Língua Portuguesa e Literatura, defendo a valorização das culturas negras de matriz africana e a legitimação da estética negra, construindo, através da literatura, espaços de consciência e diálogo com nossos estudantes.

A luta pelo reconhecimento da comunidade afro-brasileira e pela valorização do patrimônio histórico e cultural se mantém por aqueles que acreditam nas políticas e afirmações de reparações. Com isso, sentimos a necessidade de observar a construção da imagem da comunidade africana e afro-brasileira nos suportes de materiais didáticos dos profissionais da educação, na cidade de Palmas, Tocantins. Nos livros didáticos analisados, observamos os estereótipos que reforçam as negatividades vinculadas às pessoas negras. A partir das nossas análises, compreendemos que as representações hegemônicas não contemplam a pluralidade cultural da sociedade brasileira. A maioria das imagens de pessoas negras são de marginalidade ou de subserviência, são poucas as exceções, estas observadas em livros mais atuais.

O livro didático mais atual, de 2020, é o que mais trouxe discussões abrangentes sobre a cultura afro e afro-brasileira. O mais antigo, de 2006, possibilitou-nos construir um panorama sobre como era a representação negra antes e nos anos iniciais da implementação da Lei 10.639/2003. No entanto, ainda se faz presente a necessidade de representações de potencialidades do povo africano e afro-brasileiro. Como fomento à implementação da legislação, que diz respeito aos conteúdos de História e Cultura Africana e Afro-brasileira no ensino de público e privado, foi utilizada a literatura afrofuturista, tendo em vista a sua correlação com a valorização das culturas negras de matriz africana, e a sua conexão com o orgulho da ancestralidade e os movimentos de legitimação da estética negra e de reconhecimento cultural.

Pautamo-nos nas habilidades propostas pela BNCC e DCT da área de Linguagens e suas Tecnologias no Ensino Médio, que integram conhecimentos presentes na pesquisa. A partir da abordagem de literatura afrofuturista, do livro da autora Lu Ain-Zaila (2018), com os contos “Era Afrofuturista” e “Admissão”, identificamos o enaltecimento das civilizações africanas, dos levantes e das resistências do povo negro, juntamente com a valorização das tradições do

continente africano, que refletem na cultura brasileira através das religiões afro e das nossas manifestações culturais.

Apresentamos uma literatura plural e antirracista, possibilitando o enaltecimento e a valorização das raízes históricas de ancestrais negros, para que, assim, os estudantes possam contemplar o repertório de riquezas oriundas do continente africano, compreendendo de onde se veio, com o olhar atento para onde se quer chegar. Buscamos o reconhecimento do repertório cultural afro-brasileiro, que, em diáspora, se manifesta no sagrado em religiões de matriz africana, proporcionando aos estudantes, referências de mundo com o propósito de desvendar preconceitos religiosos e culturais. O racismo precisa ser combatido desde as idades iniciais da formação da sociedade. O ambiente escolar, conciliado com políticas afirmativas, possui essa oportunidade de reconhecer a pluralidade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (org.). **Afrofuturismo**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/afrofuturismo>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2016.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Médio. Brasília: MEC. 2022. Disponível em: Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>. Acesso em: 22 ago. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: <Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.html >. Acesso em: 02 ago. 2022.
- CAMPOS, Maria Tereza Rangel Arruda *et al.* **Multiversos: linguagens, identidades e ensino**. São Paulo: FTD, 2020. 292 p. (Ensino médio). ISBN 978-65-5742-046-1.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli; FISCHMANN, Roseli. A construção do outro como não ser como fundamento do ser, 2005.
- LU AIN-ZAILA, Lucienne M. **Sankofia: breves histórias sobre afrofuturismo**. Lucienne M. Ernesto, 2018.
- FERNANDES, Cybele Vidal N. Simbolismo, Fé e Arte: **as Pinturas e Incisões no Ritual do Candomblé**, 2017.
- FRANCO, Gilciana Paulo. **As religiões de matriz africana no Brasil: luta, resistência e sobrevivência**. *Sacrilégens*, v. 18, n. 1, p. 30-46, 2021.
- HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010: características da população**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- JÚNIOR, Alexandre Aloys Matte; DE ALVES, Darlã; GEVEHR, Daniel Luciano. Representação da etnia negra nos livros didáticos: o papel social da figura do negro no material de apoio pedagógico da educação básica. **Revista Acadêmica Licencia&acturas**, v. 5, n. 1, p. 40-47, 2017.
- MACHADO, Adilbênia Freire. **ODUS: Filosofia Africana para uma metodologia afrorreferenciada**. 2019.
- MAIA, João Domingues. **Português: série novo ensino médio**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2006. 496 p. (Volume único). ISBN 850809602X 9788508096022.

MARTI, Silas; LUZ, Angela Ancora da. **Exposições criam paralelos entre navios negreiros e refugiados do Holocausto.** 2019. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www.leiladanziger.net/single-post/2019/01/31/mostras-criam-paralelos-entre-navios-negreiros-e-refugiados-do-holocausto>. Acesso em: 12 ago. 2022.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2ª edição. Brasília, 2005.

OLIVEIRA, Tania Amaral; ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. **Tecendo linguagens: língua portuguesa.** 5. ed. Barueri (SP): IBEP, 2018. 287 p. (8º ano). ISBN 978-85-342-4146-5.

OLIVEIRA, Tania Amaral; ARAUJO, Lucy Aparecida Melo. **Tecendo linguagens: língua portuguesa.** 5. ed. Barueri (SP): IBEP, 2018. 288 p. (9º Ano). ISBN 978-85-342-4148-9.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé.** São Paulo: Hucitec, 1997. Capítulo 1 do Livro Deuses Africanos no Brasil. Disponível em: https://reginaldopranci.fflch.usp.br/sites/reginaldopranci.fflch.usp.br/files/inline-files/Deuses_africanos_no_Brasil.pdf. Acesso em: 30 ago. 2022.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos; PINTO, Eliane Aparecida Toledo; CHIRINÉA, Andréia Melanda. **A Lei nº 10.639/03 e o Epistemicídio: relações e embates.** Educação & Realidade, v. 43, p. 949-967, 2018.

SOUZA, Waldson Gomes de. **Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea.** 2019.

TOCANTINS (org.). **Documento curricular do Estado do Tocantins: linguagens e suas tecnologias.** Anexo. Palmas: Secretaria de Educação., 2021. 49 p. (Etapa Ensino Médio.). Disponível em: <https://central.to.gov.br/download/311314>. Acesso em: 06 dez. 2022.

APÊNDICE

APÊNDICE A: Quadro de análise dos livros.

Referências positivas encontradas nos livros analisados.

Referência	Livro
Pessoas negras trocando afetos, p. 249.	Tecendo Linguagens
Pessoas pretas lutando capoeira, p.96.	Identidades, FTD, EM
Conceição Evaristo falando sobre identidade, p. 113.	Identidades, FTD, EM
Carolina de Jesus autografando seu livro “quarto do despejo. p. 105.	Identidades, FTD, EM
Personagens do filme “Pantera Negra”, p.125.	Identidades, FTD, EM
Pessoas negras em espetáculo de dança, p.131.	Identidades, FTD, EM
Jovens negros dançando funk, p.138.	Identidades, FTD, EM
Pessoas negras dançando o ritmo africano Maracatu, p. 141.	Identidades, FTD, EM
Mulher negra orientando os refugiados sírios, p.74	Identidades, FTD, EM
Lenda sobre os Oris, p. 104.	Tecendo Linguagens 8º ano

Referências estereotipadas encontradas nos livros analisados.

Referência	Livro
Família negra em situação de rua, p.21.	Tecendo Linguagens - 9º ano
Mulher negra agricultora trabalhando na colheita, p.35.	Tecendo Linguagens 9º ano
Mutirão para alimentar pessoas negras famintas, p.199.	Tecendo Linguagens 9º ano
O impacto da tecnologia nas crianças, pessoas negras retratam a fome e a miséria, p. 235.	Tecendo Linguagens - 9º ano
Escravizadas de diferentes nações da África, p.45.	Identidades, FTD, EM
Crianças negras retratando a miséria e a fome, p.32.	Novo ensino médio 2000 a 2004
Pelé, jogador de futebol, p.61.	Novo ensino médio 2000 a 2004
Várias mulheres e uma negra, p.136.	Novo ensino médio 2000 a 2004
Porão do navio negreiro, com vários escravizados amontoados, p. 250.	Novo ensino médio 2000 a 2004
Rapaz negro numa plantação de maconha em Pernambuco traficando drogas, p.385.	Novo ensino médio 2000 a 2004
Crianças negras pegando água, seca do Nordeste, p.391.	Novo ensino médio 2000 a 2004
Jovens negros no telhado da FEBEM p. 403.	Novo ensino médio 2000 a 2004

APÊNDICE B: Figuras dos livros analisados.

Figura 3 - Escravizadas de diferentes nações da África, p.45.



Fonte: Campos *et al.* (2020).

Figura 4 - Crianças negras retratando a miséria e a fome, p.32.



Fonte: Maia (2006).

Figura 5 - Família negra em situação de rua, p.21.



Fonte: Oliveira e Araújo (2018).

Figura 6 - Mutirão para alimentar pessoas negras famintas, p.199.



Fonte: Oliveira e Araújo (2018).

Figura 7 - Personagens do Filme Pantera Negra, p.125.



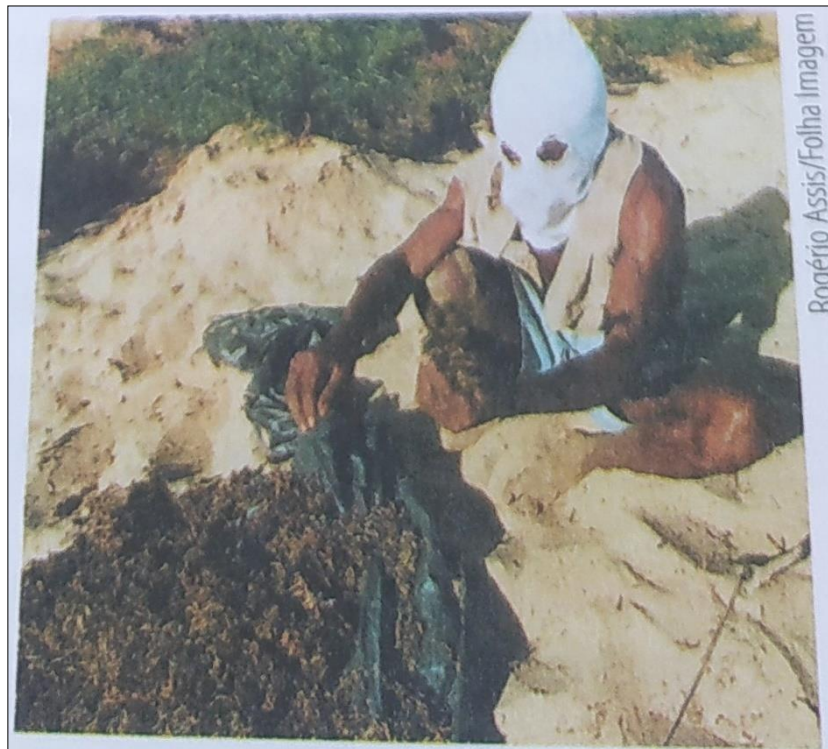
Fonte: Campos *et al.* (2020).

Figura 8 - Pessoas pretas lutando capoeira, p.96.



Fonte: Campos *et al.* (2020).

Figura 9 - Rapaz negro numa plantação de maconha em Pernambuco traficando drogas, p.385.



Fonte: Maia (2006).